

A TEORIA INTERPRETATIVA DA TRADUÇÃO

Janete Cabral Cecin*

Muitas teorias, com os mais variados enfoques, têm procurado explicitar o ato de tradução. Grande parte da reflexão feita com essa finalidade define a atividade tradutória como um procedimento de transformação de um texto em outro, utilizando, pois, um modelo bipolar do tipo estímulo-resposta. Uma transposição baseada diretamente na estrutura lingüística supõe que os limites da tradução são fixados pelas línguas.

Peter Newmark¹ é um dos mais recentes e ferrenhos defensores dessa corrente tradicional, entre outros lingüistas e filósofos da linguagem que o antecederam, como Quine (1953, 1959), Jakobson (1960), Catford (1965), Grice (1968) e Leech (1970).

Curiosamente é o que na verdade acontece com as traduções que apresentam problemas de intraduzibilidade, de falta de exatidão, de fidelidade, de clareza.

São teorias consideradas, na prática, como inoperantes e insuficientes para explicar a complexidade da tradução, pois baseiam-se essencialmente no despotismo lingüístico e não no *sentido* que é o objeto

* Doutora em Teoria e Técnicas da Tradução, pela Ecole Supérieure d'Interpretes et de Traducteurs (ESIT), da Sorbonne-Paris III.

¹ Cf. *A Textbook of Translation*. New York-London : Prentice hall International, 1988.

dessa atividade. Em sua nova forma, o texto traduzido ou *texto-alvo* (TA) é necessariamente diferente do *texto-fonte* (TF), mas o sentido por ele veiculado deve continuar idêntico ao do texto de origem.

De acordo com Taber e Nida, é preferível trair a língua do que trair o sentido do texto.² É também da autoria deles o conceito de *equivalência dinâmica*³ que, na atividade de tradução consiste em restituir a mensagem por meio do equivalente mais próximo e mais natural, primeiro no que se refere ao sentido, segundo com relação ao estilo. É o que se pode observar na tradução de certos segmentos contextuais, muitos deles cristalizados pela frequência com que são empregados numa mesma comunidade lingüística. São equivalências que têm um valor permanente, como os adágios e provérbios ou as expressões que fazem parte, num contexto determinado, das convenções ou idiomatismos de uma língua⁴:

. *Absense makes the heart grow fonder* = "A ausência torna o coração mais afetuoso" (equivalência lingüística ou puramente formal) = "Longe dos olhos, perto do coração" (equivalência dinâmica).

. *To Kill two birds with one stone* = *Matar dos pájaros de un tiro* = *faire d'une pierre deux coups* = "Matar dois coelhos com uma só cajadada".

. *Appeler un chat un chat* = "Pão pão, queijo queijo".

. *Prendre des vessies pour des lanternes* = "Comer gato por lebre".

. Avisos: (Num supermercado): *We deliver* = "Entrega a domicilio". (Num muro): *Post no bills* = *Prohibido fijar carteles* = *Interdit d'afficher* = "Proibido colar cartazes".

. Locuções altamente socializadas: *Have a nice day* (despedindo-se) = "Até logo"; *How do you do?* (apresentação entre amigos) = "Muito prazer"; *Sincerely yours* (final de uma carta) = "Cordiais saudações"; *Help yourself* (numa refeição) = "Sirva-se".

² Cf. *La traduction: théorie et méthode*. Londres : Alliance Biblique Universelle, 1971.

³ Op. cit. p. 173.

⁴ Cf. TAGNIN, S.O. *Expressões Idiomáticas e Convencionais*. São Paulo : Ática, 1989.

. Publicidade: *OMO gets your clothes whiter* = "Omo lava mais branco".

. Título de um livro: *All the sons of God Flying* = "Todos os filhos de Deus têm asas".

(Na verdade, a maior parte das equivalências de sentido são criações "dativas" (*ad hoc*), inéditas, que o tradutor utiliza como soluções dinâmicas e efêmeras.)⁵

É que cada comunidade lingüística possui, na observação dos autores, não apenas uma gramática ou seu vocabulário próprio. Contém, igualmente, certas características e qualidades que se manifestam na formação das palavras, na ordem dos elementos da frase, no encadeamento de enunciados ou, ainda, nas formas estilísticas convencionadas e que fazem parte da *índole* própria de cada língua. Cabe ao tradutor saber explorar os recursos lingüísticos e estilísticos da língua-alvo. Refazer a mensagem quantas vezes forem necessárias, até conseguir expressá-la espontaneamente, de acordo com as formas estruturalmente prescritas pela sua língua materna, e não ficar reclamando da pobreza de um idioma em relação à riqueza de outro.

A TEORIA INTERPRETATIVA

Só mais recentemente é que a pesquisa na área da tradução tem sido direcionada para a elaboração de um modelo próprio, delimitando progressivamente seu campo para um estudo mais minucioso dos processos e mecanismos dessa atividade e, ao, mesmo tempo, mais autônomo em relação à Lingüística.

O resultado dessas pesquisas tem mostrado a coerência do trabalho do tradutor e desmistificado velhos conceitos exclusivamente teóricos que, por essa razão, não comprometem uma prática que só tem comprovado, através dos tempos, sua validade como elemento fundamental nas relações humanas.

⁵ Cf. SELESKOVITCH, D. LEDERER, M. *Interpréter pour traduire*. Paris : Didier Erudition, 1986, p.186.

Entre as reflexões fundamentadas essencialmente na prática do tradutor está a *Teoria Interpretativa da Tradução* ou *Teoria do Sentido* que vem sendo desenvolvida, desde 1968, pelos pesquisadores da Escola Superior de Intérpretes e Tradutores da Universidade de Paris. Sua fundadora é Danica Seleskovitch⁶ cujas obras têm sido o ponto de partida para uma plêiade de estudiosos da prática da tradução, como Lederer, Delisle, Durieux, Pergnier, Lavault, Moskowitz, Israel, Le Féal entre tantos outros.

Foi inicialmente baseada na intervenção do tradutor e de seus mecanismos mentais, durante o exercício da tradução oral ou interpretação de conferências internacionais, em suas três mais freqüentes modalidades: a interpretação consecutiva⁷, a interpretação simultânea⁸ e a tradução sobre o texto escrito ou tradução lida (*traduction à vue*), que consiste na tradução oral e rápida de um texto escrito. Foram minuciosamente examinadas várias gravações, em fita-cassete e videocassete, da atuação do tradutor em simultânea e analisadas as anotações por ele efetuadas em consecutiva. Trata-se certamente de um dos métodos de análise mais privilegiados e eficientes, pois baseia-se no conhecimento do que pode ser diretamente observado no estudo da compreensão da linguagem e da tradução.

Os princípios gerais do modelo interpretativo estão sendo adequados à tradução de todos os gêneros de textos escritos, inclusive à obra literária, em que pesem as diferenças.

Sua validade vem sendo igualmente testada pelo maior número possível de pares de línguas, com a contribuição de pesquisadores de vários países, incluindo, também, a língua dos signos.⁹

⁶ Intérprete de conferência, de origem iugoslava, tendo sempre se destacado como profissional. Ocupou o cargo de secretária da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC) e foi colaboradora de Jean Monnet, idealizador da Comunidade Econômica Européia (CEE) e de Charles De Gaulle. Até 1990, exerceu suas funções como diretora e professora da ESIT, centro de formação profissional e de pesquisa por ela fundado, no âmbito da Universidade da Sorbonne-Paris III.

⁷ SELESKOVITCH, D. *L'Interprète dans les conférences internationales*. Paris: Minard Lettres Modernes, 1968 e *Langage, Langues et Mémoire*. Paris: Minard Lettres Modernes, 1975.

⁸ LEDERER, M. *La traduction simultanée — expérience et théorie*. Paris: Minard Lettres Modernes, 1981.

⁹ SÉRO-GUILLAUME, P. "Le Sens, le geste et le verbe". In *Etudes traductologiques en hommage à Daniça Seleskovitch*. Paris: Minard Lettres Modernes, 1990.

Para descrever o ato de tradução, Seleskovitch propõe um modelo triangular¹⁰, opondo-se, desse modo, às teorias bipolares lingüísticas:



O sentido extraído do texto que o veiculou com os elementos da Língua 1, passa pela ponta do triângulo, já liberado da coação exercida pela forma lingüística original, para ser, posteriormente, restituído pelos elementos do sistema da Língua 2.

Houve, portanto, uma *etapa de desverbalização* que deu lugar a uma síntese entre os significados lingüísticos e o conhecimento prévio, fazendo com que os sons captados transformem-se em idéias e conceitos. Essa etapa intermediária é importante na medida em que "*para transmitir uma mensagem, para restituí-la integralmente na outra língua, é preciso se concentrar no sentido*".¹¹

Pela base do triângulo passam diretamente, em linha reta, as palavras, ou melhor, *designações contextuais* que serão simplesmente transcodificadas, pois são do conhecimento prévio do tradutor, como os números, palavras técnicas, nomes próprios, siglas, enumerações, fórmulas consagradas. Não se deixam transformar pela *alquimia* do processo tradutório. Elas se conservam, exemplifica Seleskovitch, como as passas de uma receita de bolo que, mesmo misturadas aos demais ingredientes, não são como estes modificadas em seu produto final:

¹⁰ SELESKOVITCH, D. LEDERER, M. Op. cit., p.185.

¹¹ Op. cit., p.112.

*"The British space programme began in the 1950s, with the launch of the **Blue Sreak** rocket, a converted ICBM. However, the project was cancelled in 1960 when the Government decided that a land based ICBM system did not meet defence requirements."¹²*

*"A Grã-Bretanha deu início ao seu programa espacial na década de 50, com o lançamento do foguete **Blue Sreak**, um MBIC (Míssil Balístico Intercontinental) reciclado. O governo britânico, no entanto, cancelou o projeto, em 1960, ao julgar que a implantação de um sistema MBIC, em terra, não mais satisfazia aos imperativos de defesa."*

No exemplo acima, as designações referentes aos números, nome próprio e sigla são transcodificados por equivalências lingüísticas e não por equivalências de sentido. Qualquer tradução comporta uma parte de *transcodagem*, mas é sempre preciso estar atento aos seus limites quando se trata de expressar, na língua-alvo, sentidos inéditos, mesmo que sejam designações do tipo *"The British space programme"*, *"1950s"* e principalmente as siglas, como *"ICBM"*.

A fase intermediária de desverbalização, situada entre a percepção do texto e sua re-expressão, pode ser mais facilmente observada na tradução oral. Por ser um produto finalizado, a tradução do texto escrito, apesar de também comprovar a compreensão do tradutor, não deixa transparecer as operações mentais por ele exercidas (discriminação, seleção, abstração, verificação, comparação, assimilação, hesitação, decisões, etc.) e que, no espaço temporal da tradução oral, parecem *aceleradas* pelo conhecimento prévio.

Muitas outras observações podem ser feitas com relação à diferença que se estabelece entre as modalidades de percepção e de expressão no texto oral e no texto escrito.

¹² WHITEHOUSE, D. *The Guardian* (15/11/86).

O texto oralizado desenvolve-se de acordo com as reações do orador, de sua escolha argumentativa, da situação ambiente e do contexto proxêmico da linguagem (mimo-gestual e espacial). Atento às reações de seu ouvinte ou do tradutor, o orador pode melhor esclarecer um ponto de vista, um conceito, através de correções ou reformulações em função da compreensão efetiva de seu auditório.

O texto escrito permanece cristalizado em suas formas, ao contrário do texto oral. Segundo Charaudeau¹³, é difícil refazer o processo de intenção do autor, mas é possível tentar analisar os efeitos produzidos por seu texto: o que esse texto me diz sobre o que diz e não sobre o que quis dizer. O explícito do texto, com as marcas da intencionalidade do autor, é sempre uma proposta de partida.

O processo de compreensão e tradução da obra literária, no entanto, é bem mais complicado e de difícil acesso para o pesquisador na área da tradução. Não se trata de uma simples operação mental, a ser observada, mas uma análise do conjunto de valores afetivos, expressivos e estéticos que participam da criação do sentido e de seus efeitos. Nesse conjunto, a forma, não como um fim em si mesma, mas como meio, desempenha um papel primordial.¹⁴

É o que também acontece com o discurso publicitário, cuja tradução principalmente em países bilíngües, como a Bélgica e o Canadá, é confiada a uma equipe especializada em adaptação publicitária, pois além de saber traduzir, mais do que ninguém, o adaptador publicitário tem que conhecer muito bem a reação do público-prospectado:

"Dormez sans ressorts, ça vous donne du ressort"

(Camas lattoflex)

"Faites mousser les bons moments" (Cerveja Kronnenbourg)

"Rompez la glace avec Cointreau"

"L'événement" (Audi)

"La puissance" (Mercedes Benz)

¹³ CHARAUDEAU, P. *Seminário de Semio-Lingüística do Discurso*. Paris : Sorbonne, 1981-1982.

¹⁴ ISRAEL, F. "Traduction littéraire et Théorie du sens". In *Etudes traductologiques en hommage à Danica Seleskovitch*. Paris : Minard, 1990. p.29-43.

"Les chevaux de feu" (Alfa Romeo)

"Jetta. La lionne" (Volkswagen)

"Fiat Panda. La voiture à malices"

"Le "PLUS" (Toyota)

"Mordante" (Volkswagen Jetta)

Apesar das diferentes modalidades ou tipologia da operação tradutória, processo da tradução é o mesmo. Por isso, muitos pesquisadores, como Fortunato Israel¹⁵, especialista em Shakespeare e professor da ESIT, têm procurado estudar o modelo da Teoria Interpretativa, com vistas à sua aplicação na tradução literária.

AS ETAPAS DO ATO DE TRADUÇÃO

Para um estudo mais detalhado da forma de operar do tradutor, procurei isolar as fases que constituem o ato tradutório, para melhor observar os processos que o produzem, de acordo com o modelo tripartite de Seleskovitch.¹⁶

1º. Aprecensão do sentido ou Compreensão. É analógica, ou seja, não é constituída por etapas, mas como um todo. Os elementos lingüísticos do texto servem de trampolim, de sinalização ou de alavanca para o estágio intermediário de desverbalização. Não há, pois, como identificar, no ato de linguagem, segmentos isolados semanticamente, como na frase gramatical.

A manchete da *Folha de São Paulo* (1º/03/94), O DIA D DO FHC2, remete imediatamente os leitores brasileiros à data de entrada em vigor da segunda etapa do plano de política econômica do então ministro Fernando Henrique Cardoso. Para um leitor sem conhecimento prévio, poderá, perfeitamente, significar literalmente uma fórmula química, física ou matemática.

¹⁵ Op. cit., p.40.

¹⁶ CECIN, J.C. *L'Exégèse dans l'acte de traduction*. Tese de Doutorado. Paris: ESIT, Sorbonne Nouvelle : Paris III, 1982, p.6.

O mesmo acontece com a compreensão da manchete: CAVALLO: AJUSTE ANTES (*Zero Hora*, 08/07/93). Evidentemente que não se trata de ajustar uma sela, mas do "ajuste fiscal". O ministro da área econômica da Argentina, Cavallo, em sua visita ao Brasil, sugeriu que fossem tomadas medidas em relação aos impostos, antes da implantação do plano referido no exemplo anterior.

2º. **O sentido compoendo com a compreensão uma fase inseparável.** Há o sentido que chamo *motivado*, diretamente construído pelo explícito do que é dito (A funcionária consulta o relógio e diz "Já é meio-dia") e o sentido *finalizado*, o conjunto de efeitos que, efetivamente, em situação de comunicação, a compreensão desencadeia ("Está na hora do almoço").

3º. **A exegese¹⁷ ou interpretação da mensagem, após a fase de compreensão do sentido.** É analítica, ao contrário da compreensão que, como já vimos, é sintética. No processo da tradução, a exegese não se confunde com a etapa de compreensão do sentido. Os fenômenos de sinédoque e metonímia, muito bem analisados por Lederer¹⁸, comprovam que não há necessidade de se fazer uma análise da língua ou dos signos com essa finalidade. As palavras ou frases transformadas em enunciados pelo contexto situacional formam um sentido mais exato e mais amplo do que o seu próprio significado. Como nesse curto diálogo telefônico:

"— Alô, é a Silvânia? A Eneida está?

— Tudo bem Evandro? Um momentinho que eu vou chamá-la."

A interlocutora não teve necessidade de responder à pergunta e nem o interlocutor de explicitar o seu objetivo, pois essas intenções estão intrínsecas no ritual da comunicação telefônica. Há pouco tempo, os jornais franceses anunciavam: ÁGUA MINERAL MAIS CARA POR CAUSA DO PETRÓLEO. Graças ao contexto e aos conhecimentos par-

¹⁷ O emprego desse termo foi consagrado pela Teoria Interpretativa para evitar a confusão terminológica entre interpretação de conferência e interpretação do sentido. Cf. CECIN, J. C. Op. cit..

¹⁸ LEDERER, M. "La traduction: transcoder ou réexprimer". In *Etudes de Linguistique Appliquée*. Paris : Didier, oct.-déc. 1973, n°12, p.8-25.

tilhados, poupa-se o explícito para se focalizar a apreensão diretamente na conseqüência: o recipiente que contém a água mineral é feito de uma matéria plástica de síntese extraída do petróleo; o preço deste aumentou e necessariamente com ele o do recipiente.

Mas para que o destinatário do texto traduzido compreenda o conjunto de procedimentos operacionais, estratégicos ou táticos que o autor empregou para produzir os efeitos intencionais do que diz ou escreve, o tradutor precisa proceder a uma análise interpretativa, visando à captação da dinâmica operacional do texto.

4º. **A tradução propriamente dita**, que é a restituição do sentido através de uma nova produção de linguagem, ou seja, um texto formulado com os elementos verbais de uma outra língua que será o suporte do sentido construído na fase de compreensão e analisado na fase de exegese.

AS UNIDADES DE SENTIDO

Os fragmentos de enunciados, mais ou menos longos, que entram na composição do sentido, são denominados pela Teoria Interpretativa de *unidades de sentido*. Elas não têm a mesma dimensão das unidades lingüísticas e nem são, como estas, mensuráveis quantitativamente. É uma massa cognitiva que se constitui a partir do conteúdo apreendido pela audição ou leitura de um texto ou enunciado.

A construção dessas unidades tem início pela fusão do que se depreende, por um lado, dos elementos ou signos sinalizados pela estrutura lingüística atualizada pelo texto e, por outro lado, pelas informações suplementares ou conhecimento prévio pertinentes (*complementos cognitivos*), fornecidos pelo receptor. Aos poucos vão se agregando ao que já foi retido na memória, formando, assim, um sentido mais global, liberando-se da estrutura lingüística, confinada, então, a uma existência efêmera.

Em suas experiências, Seleskovitch e Lederer observaram que a média de palavras-minuto recebida pelo intérprete é calculada num total de 150. Apenas oito dentre elas permanecem na memória do tradutor, durante sua atividade.

Ao dissociar-se das unidades de sentido por ele escoltadas, o contexto situacional passa o comando de suas funções para o contexto cognitivo que ele determina e torna pertinente.

É graças a esse processo que o tradutor adquire uma capacidade de expressão sem matizes estrangeiros, preservando o respeito e a fidelidade do emprego que faz do seu sistema lingüístico.

A articulação com outras áreas solidárias na busca de um mesmo conhecimento é necessária para confirmar ou infirmar os resultados obtidos por uma pesquisa. O Estudo Neuropsicológico das Funções Cognitivas do Cérebro, com sua Teoria dos Metacircuitos ou Associações Neurais é o que mais tem contribuído com a Teoria Interpretativa na elucidação da compreensão da linguagem pelo cérebro humano.

Essa pesquisa interdisciplinar está sendo realizada pelo Grupo de Estudos da Linguagem (GEL), na Universidade do Vale do Marne-Paris XII, que reúne, com o mesmo objetivo, lingüistas, tradutores e neuropsicólogos. O grupo teve, durante muitos anos, como orientador o neuropsicólogo Jacques Barbizet¹⁹, do Hospital Henri Mondor de Créteil.

A Neuropsicologia já pode oferecer à observação modelos bem estruturados do funcionamento da linguagem e seus métodos de abordagem das atividades internas do cérebro sem que, para tanto, este tenha que ser violentado.

As configurações neuronais do cérebro que armazenam a bagagem cognitiva dos usuários da linguagem não são isoladas, pois os metacircuitos que as formam associam-se, na zona instrumental da linguagem, a outros metacircuitos do córtex cerebral, com seus fragmentos de experiência e de emoção. Sob o efeito dessas experiências sucessivas, verbais e não-verbais, adquiridas desde a infância, a experiência conceitual inscreve-se num outro nível, sobretudo no córtex frontal dos dois hemisférios cerebrais. Sabendo-se da complexidade e do número infinito de conexões que as células nervosas realizam, entre elas, no cérebro humano, onde existem cerca de 10 bilhões de células nervosas, cada uma com mil a dez mil conexões, pode-se concluir que não é possível refletir so-

¹⁹ BARBIZET, J. *Abrégé de neuropsychologie*. Paris : Masson, 1980.

bre o funcionamento da linguagem, isolando-se o conhecimento da língua de todos os outros conhecimentos e experiências.²⁰

Essas breves considerações necessitam, evidentemente, ser aprofundadas pela consulta à vasta bibliografia que a pesquisa, iniciada por Seleskovitch, tem incentivado.

Não obstante, verifica-se que a Teoria Interpretativa da Tradução fornece um modelo operatório que, aos poucos, vem sendo confirmado pela pesquisa interdisciplinar. Pode-se concluir, também, que ela está procurando explicitar, satisfatoriamente e com clareza conceitual, o processo da tradução, com vistas a sua adequação prática e pedagógica, insurgindo-se contra as investigações teóricas que permanecem no nível lingüístico desse processo.

Enfim, seu grande mérito é o de ser respaldada por um suporte eminentemente prático — a tradução de textos orais ou escritos e seus processos mentais — cujos resultados podem ser diretamente observados.²¹ É incontestável, pois, o aporte que ela oferece a qualquer pesquisa que tenha como finalidade o estudo da compreensão da linguagem, mesmo porque a tradução sempre foi sinônimo de compreensão.

Por isso, à guisa de conclusão, fica aqui uma observação de Delisle para confirmar essa identidade:

*O tradutor que compreende o sentido de um texto é como o leitor a quem se pede que "se comprometa", ou seja, que revele explicitamente, até nos mínimos detalhes, o que compreendeu. Um simples leitor pode ter a ilusão de que a sua compreensão foi completa e exata; ele pode até simular que compreendeu tudo. O tradutor, por sua vez, não pode nunca esconder sua ignorância, sua falta de compreensão. E seus árbitros serão ainda mais impiedosos, na medida em que eles mesmos não são tradutores... Mais do que trair, traduzir é trair-se.*²²

²⁰ Essas são algumas das conclusões a que chegaram os pesquisadores do GEL, apresentadas em 1980, por ocasião do *Colóquio Internacional e Multidisciplinar Sobre a Compreensão da Linguagem*, realizado no Centro Hospitalar Universitário Henri Mondor, de Créteil. Cf. *Actes du Colloque*. Paris : Didier Erudition, 1981.

²¹ CECIN, J. C. Op. cit., p.11.

²² DELISLE, J. "La compréhension des textes et le processus cognitif de la traduction". In *Comprendre le langage*. Paris : Didier Erudition, 1981, p.69.